

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Conceição do Maranhão Class.: 63

Data: 18/11/67 Pg.: 07 (Caderno 1º)

Na trilha dos

índios Karajá - VI

MÃE VÊ GUERREIRO PARA A SUA FILHA

Gontran da Veiga Jardim

CM 1967.11.18.1007

É curioso o casamento na tradição Karajá. Aqui o sistema é matriarcal. Toda a iniciativa parte das mães e quando um guerreiro é escolhido está praticamente selado o seu destino. Nas imediações do terreiro de recreação, as mulheres se reúnem para assistir às competições, danças e brincadeiras dos guerreiros. Quando percebe que a filha está em idade de casar-se, a mãe escolhe entre os rapazes aquele que julga ser o melhor para ela. Então troca idéias com a mãe do guerreiro, colhendo informações sobre o grau de possível parentesco, já que o casamento é proibido entre parentes próximos.

Não havendo obstáculos nesse setor, a mãe da moça inicia uma preparação psicológica junto à filha, tentando convencê-la de que já chegou a hora de se casar. É um processo lento. Tendo convencido a filha, dirige-se a casa do rapaz, formulando o pedido oficial, sempre dirigido à mãe do escolhido, pedido esse que é sempre aceito. Recebe ou apanha objetos de uso pessoal do rapaz, levando-os para a sua choça. Esses objetos ela os entrega à filha. O guerreiro, que passa o dia fora de casa, só toma conhecimento do ocorrido ao regressar à noite.

No mesmo dia, em companhia de sua mãe e de familiares, vai à casa da futura noiva para a formalização do pedido, cabendo desta vez à mãe do guerreiro a iniciativa do acordo. Importante é que o rapaz é obrigado a se submeter ao casamento mesmo que não seja do seu agrado. Agora invertem-se os papéis: a mãe da moça, que tomara a iniciativa, passa a enaltecer as qualidades da filha e nega-se a aceitar o pedido. É um verdadeiro negaçoio, que dura horas. Diante da "relutância", mãe e filho se retiram levando os seus pertences. No dia seguinte, a mãe da moça vai novamente à casa do guerreiro e apanha outra vez os objetos. Sob o pretexto de rever o que é seu, o rapaz vai — desta vez só — à casa da moça. Este processo repete-se duas vezes. Isso se repete por vários dias e mesmo não se falando vão aos poucos se acostumando com a presença um do outro. Perdida a cerimônia, está começado o namoro.

Entretanto, para concretizar o casamento é indispensável cumprir os preceitos religiosos, para ver se há o consentimento dos seres sobrenaturais. É então, programada a pesca coletiva. As canoas já estão prontas e equipadas. Antes da partida, o Pajé invoca os espíritos, dá seus "passes", sopra alguma fumaça ao vento, para afastar as chuvas. Começa a expedição. Em uma canoa, vão os noivos, mas na pesca são meros espectadores. O que importa é o sucesso e a medida que vão sendo apanhados os primeiros peixes, vai diminuindo a tensão dos noivos, pois tudo indica que os "espíritos" concordam com o casamento.

Com as canoas cheias de peixes, a comitiva retorna ao entardecer. Na aldeia já estão à espera as máscaras sagradas. O padrinho então transporta nos ombros o noivo, levando-o à casa da noiva, onde uma longa esteira está estendida na vertical, anunciando as bodas. O noivo senta-se na esteira da família da noiva, enquanto a sogra penteia os seus cabelos e pinta seu corpo, usando tintura de jenipapo e urucum. Ao lado, sua mãe prepara a noiva.

A produção da pesca é distribuída por todo o grupo e depois de preparada é levada à Casa de Aruanã. O Pajé recolhe uma porção de cada panelão e oferece aos "espíritos". Após esse ritual, dá a ordem de "avançar", então todos agora podem comer à vontade. Está iniciado o banquete nupcial. Os noivos são levados para o terreiro de recreação, sentam-se numa esteira com os seus familiares e assistem ao espetáculo, que consiste em brincadeiras, danças das máscaras sagradas e dos guerreiros, da qual participa todo o grupo. Apesar da variedade de alimentos, os noivos, ainda embaraçados, pouco comem.

Mas para completar a cerimônia, ainda falta a caçada. A festa da primeira etapa dura, muitas vezes, semanas. Quando os noivos se sentem cansados, cada um se retira para a sua casa. Na caçada, toda a cena é repetida, os noivos sempre na condição de espectadores. No decorrer da festa, após a caçada, vem o Pajé, em companhia do Cacique, e faz o "cruzamento" do casal. Está consumado o matrimônio. O "rim" é dado pelo Pajé. Os noivos já podem conviver. Em obediência ao sistema matriarcal, o noivo vai para a casa da noiva, onde se deita na esteira da família. Nada acontece, pois a timidez vai, aos poucos, desaparecendo, até que, juntos, começam suas incursões pela mata. Nesses passeios é que a donzela se torna mulher.

Durante o processo de adaptação, a sogra do noivo começa a trançar uma esteira para o casal. Os recém-casados, no primeiro mês, não precisam preocupar-se com os problemas de subsistência, pois a comunidade tudo faz para que nada falte ao novo lar. Mas, passado esse período, chegam as obrigações. O rapaz acompanha os cunhados e o sogro nas caçadas e pescarias, procurando se entrosar no seu novo estado civil. Cabe-lhe agora arcar com as responsabilidades de chefe de família. Enquanto o marido não se identificar com a nova vida, seus familiares e os da mulher estarão sempre ao seu lado, ajudando na pesca, na caçada, na primeira lavoura e no fabrico da primeira canoa.



TRADIÇÃO

Após a pesca, o padrinho leva o noivo nas costas e o deixa na casa da noiva.